



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENSINO PARA A CIÊNCIA E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: INVESTIGAÇÃO CRIMINAL NO ESPAÇO CIÊNCIA

Ynah de Souza Nascimento (1); Cristiane Lucia da Silva (1); Maria Cristina do N. Silva Brandão (2); Andrea Regina Vanderlei (3).

1. Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: ynah@terra.com.br; 1. Instituto Federal de Pernambuco, e-mail: cristiane.silva@pesqueira.ifpe.edu.br; 2. Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: mcristinansb@gmail.com; 3. Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: andreavanderlei@yahoo.com.br.

Resumo

Este artigo é resultado das leituras e debates realizados na disciplina de “Avaliação da Educação Científica e Tecnológica” ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica pelo docente Marcelo Sabatini. Nós iremos analisar, do ponto de vista da cultura científica (C.C.), um projeto chamado “C.S.I. Espaço Ciência: a química forense como ambiente interativo e de contextualização do ensino de química no ensino médio”. Este projeto - coordenado e elaborado pela Doutora Maria José de Filgueiras Gomes, professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - parte da série de TV americana (C.S.I. Investigação Criminal) para propor experimentos de laboratório a serem feitos pelos estudantes. Para nossa análise tomamos como referências teóricas os conceitos de comunicação primária e comunicação secundária e o modelo da “espiral da cultura científica” (E.C.C.). Nosso objetivo geral é avaliar a funcionalidade dos dois últimos quadrantes dessa espiral da cultura científica, tendo como referência o projeto de extensão citado acima. A metodologia se utilizou de uma abordagem qualitativa e para a coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenadora e elaboradora desse projeto.

Palavras-chave: Divulgação Científica, Cultura Científica, Ensino para a Ciência.

Introdução

No mundo atual, todos podem ter acesso aos avanços da ciência e ao trabalho dos cientistas. Afinal, jornalistas, especialistas, professores, pesquisadores e, principalmente, meios massivos de comunicação, como a imprensa, o rádio, a televisão e a internet não se cansam de divulgar esses avanços. Então, não faltam informações a respeito da ciência. Segundo Moirand (2006), a maioria dos cidadãos das atuais democracias desenvolvidas encontra informação científica casualmente em seu cotidiano.

Os diferentes meios de comunicação facilitam o acesso de todos os saberes científicos, auxiliando na divulgação científica (D.C.). Esta é considerada um conjunto



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de práticas discursivas que envolvem cientistas, jornalistas, público e instituições. De acordo com Epstein (1998), essa D.C. pode acontecer, através de dois tipos de comunicação: a primária - quando os indivíduos envolvidos pertencem a uma mesma área do conhecimento e utilizam uma linguagem e conceitos específicos - e a secundária - aquela que se dirige ao público leigo, isto é, a popularização da ciência.

Entretanto, essa divisão entre comunicação primária e secundária não constitui unanimidade no espaço da academia. Vogt (2003), em um editorial publicado no Jornal Folha de São Paulo, discute a necessidade de utilizar um novo conceito para os processos de comunicação da ciência.

Melhor do que alfabetização científica, popularização/ vulgarização da ciência ou percepção/compreensão pública da ciência, a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e ainda conter a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, seja de sua divulgação na sociedade, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história (VOGT, 2003).

Vogt (2003) propõe um modelo chamado de “A Espiral da Cultura Científica”. Uma representação metafórica de um movimento espiralado, que parte de um ponto do eixo horizontal para desenhar quatro quadrantes: o primeiro, da produção e difusão de ciência, no qual os cientistas são seus pares num processo que inclui meios de divulgação como congressos, revistas e livros; o segundo, ensino de ciências e formação de cientistas, envolve o ensino para a ciência nas instituições escolares para todos os estudantes independente do nível; o terceiro, ensino para a ciência, se refere ao ensino para a ciência em museus, feiras e outros eventos de mobilização de crianças, jovens e adultos em torno do tema científico; e o quarto quadrante, que é o da divulgação científica, cujo objetivo é informar e formar a sociedade.

Tomando como referência um projeto de extensão: CSI: Espaço Ciência - “A Química forense como ambiente interativo e de contextualização do ensino de química



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no ensino médio”, nosso objetivo nesse artigo é avaliar a funcionalidade dos dois últimos quadrantes dessa espiral da cultura científica. O projeto analisado é coordenado pela Professora da UFRPE, Maria José de Filgueiras Gomes e que está em funcionamento neste ano de 2015 no Espaço Ciência - considerado um centro interativo de divulgação/produção científica, vinculado à Secretaria de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, localizado no Complexo de Salgadinho na cidade de Olinda/PE.

Metodologia

Escolhemos a abordagem qualitativa, com o objetivo de responder o questionamento de nosso interesse: até que ponto os dois últimos quadrantes da espiral da cultura científica constituem um modelo mais adequado para analisar as atividades de D.C. no projeto escolhido. Tal abordagem é “rica em dados descritivos, por ter um plano aberto e flexível além de focalizar a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.18), sendo, portanto, a mais adequada para fornecer os subsídios necessários ao estudo proposto.

Realizamos um levantamento bibliográfico, logo buscamos definir o corpus da pesquisa, o projeto CSI: Espaço Ciência - “A química forense como ambiente interativo e de contextualização do ensino de química no ensino médio”, elaborado e coordenado pela professora da UFRPE, Maria José de Filgueiras Gomes. Efetuamos variadas consultas em distintos sites e, no Espaço Ciência, encontramos o que nos interessava: um projeto que se desenvolvia nos diferentes eixos da espiral da cultura científica proposta por Vogt (2003). Então, entramos em contato e marcamos a entrevista com a docente.

Considerando o fato de que o deslocamento físico da professora, com gravidez quase na sua etapa final, seria inviável, sugerimos que a entrevista semiestruturada - fosse realizada on-line por meio da ferramenta “hangout on air”, que, além de resolver o problema da locomoção, também permite o recurso de gravarmos toda a entrevista. Todas essas etapas foram realizadas no mês de junho de 2015. Nosso objetivo era



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conhecer mais detalhes sobre o projeto e, principalmente, entender como se dava a passagem entre os eixos da espiral da cultura científica.

Desse modo, diante dos dados coletados - da entrevista semiestruturada da reportagem disponibilizada pela pesquisadora (ver anexo 1) e a que foi publicada em jornal local (ver anexo 2) e - passamos à análise. Nosso interesse não foi recolher muitos dados, “mas recolher dados adequados a fim de que se tenha em vista, e que sejam de confiança” (PONTE, 2002, p.18).

A análise que apresentamos em seguida não esgota o estudo, nem se constitui uma verdade absoluta, porque segundo Minayo (1994, p.67-68), “nada existe eterno, fixo, absoluto”. Nesse sentido, desejamos que nossas observações sejam consideradas dentro dos limites que se impuseram a nós principalmente no que diz respeito ao acesso à pesquisadora e aos dados do projeto que obtivemos somente por meio da entrevista semiestruturada e das reportagens, já que o projeto não nos foi disponibilizado.

Resultados e discussão

III quadrante - Ensino para a ciência: cientistas, professores e administradores de museus de ciência destinam ciência a estudantes e público jovem.

Como a pesquisadora havia sido aluna do professor Antonio Carlos Pavão, diretor do Espaço Ciência, ficou mais fácil conseguir que o projeto acontecesse lá. Além disso, o ambiente seria propício para o projeto, porque já existe uma cultura científica estabelecida do Espaço, que atende tanto os educandos do Ensino Médio quanto a comunidade circunvizinha. O Espaço Ciência também disponibiliza transporte para levar os estudantes, além de conceder cinco monitores a fim de acompanhar as experiências, bem como alguns reagentes químicos. A UFRPE além de ceder um bolsista, também contribuiu com alguns outros reagentes que o Espaço não possuía.

Apesar de contar com algumas facilidades ao escolher o Espaço Ciência, a pesquisadora precisou solucionar várias dificuldades:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(a) necessidade de alguns elementos químicos para as experiências: não existem experimentos de laboratório sem produtos químicos, por essa razão, segundo ela “a maior dificuldade foi conseguir todos os reagentes químicos que pudessem realizar os experimentos que escolhemos para trabalhar, então tem alguns reagentes que não eram muito fáceis de conseguir” (MJ).

(b) bolsista para o projeto: de acordo com a docente somente “um monitor é o bolsista da UFRPE, porque o projeto só tem direito a um bolsista. Esse bolsista é o que trabalha comigo, e é o que está mais envolvido, porque ele que fez todos os testes, que conseguiu elaborar os experimentos”.

(c) verba: “o projeto de extensão quando ele é aprovado o aluno tem uma bolsa, porém o recurso para desenvolver o projeto não saiu ainda e é um valor muito pequeno de R\$ 700,00; então tudo tem que ser com muito sacrifício, conseguir esses reagentes que são caros e difíceis de conseguir” (MJ). A professora explicou, por exemplo, que o manequim utilizado nos experimentos foi comprado por ela com verba pessoal, caso contrário, o projeto não progrediria.

E outro ponto que ajudou o projeto a avançar foi a divulgação do mesmo para que os professores e os próprios estudantes tivessem conhecimento e pudessem se inscrever para participar do projeto. Nesse ponto passamos do terceiro para o quarto quadrante.

IV quadrante - Divulgação científica: jornalistas e cientistas destinam informação científica para a sociedade.

Para avaliar esse quadrante, utilizamos como corpus a reportagem “Estudantes são convidados a desvendar crime no Espaço Ciência” publicada no Jornal do Comércio em 3 de maio de 2015 (ver anexo 1).

Como já foi exposto antes, existem - segundo Souza (2012), baseado em Charaudeau (2008) - várias características que marcam a divulgação científica (DC) tais como “visibilidade” (temas que interessam no cotidiano das pessoas e provocam repercussão social), “legibilidade” (linguagem acessível a leigos da área) e



“emocionalidade” (recursos capazes de emocionar, chocar, surpreender ou, de alguma forma, envolver afetivamente o leitor).

A linguagem da reportagem é legível, começando pela escolha do vocabulário e pelas estruturas sintáticas e construção dos parágrafos: dois períodos em que o primeiro funciona como o tópico frasal (ou ideia principal) e o outro, o segundo, detalha o que foi anunciado no período 1. Essa é uma estrutura sintática simples, de fácil compreensão, e muito encontrada, inclusive nos textos dos livros didáticos, como podemos ver a seguir:

Estudantes do ensino médio vão se transformar em peritos em cenas de crimes fictícias para aprender sobre química forense. A proposta é da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que montou um laboratório especial no Espaço Ciência, no Complexo de Salgadinho, entre Recife e Olinda, para mostrar aos adolescentes como funciona o trabalho do investigador, misturando diversão e educação.

Além de uma linguagem legível e acessível a leigos, é possível identificar outra característica dos textos de divulgação científica: a emocionalidade, construída com recursos capazes de emocionar, chocar, surpreender ou, de alguma forma, envolver afetivamente o leitor. Para comprovar isso, basta analisar o título e subtítulo da reportagem e a foto que estrategicamente vem colocada no início do texto e que simula o cadáver de alguém (ver anexo 1).

Além disso, os leitores são convidados a se envolver quando o texto fornece detalhes dos experimentos que serão realizados. Por exemplo, entre os experimentos realizados, estão a identificação de impressões digitais em cartas de suicídio, teste para identificar se há pólvora nas mãos do boneco e a análise de um fármaco semelhante a cocaína presente no local do crime. A história da morte mudará, mas as suspeitas passam por suicídio, crime passional ou envolvimento com tráfico de drogas. Caberá aos estudantes descobrir o que aconteceu.

Uma quarta característica desse tipo de texto é a seriedade, a credibilidade que pode ser comprovada através de diversas estratégias:

- (a) Fala de especialistas, no caso a da professora que propõe o projeto:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“Há muita curiosidade sobre esta área, pouco explorada. Agora, os jovens vão poder participar diretamente da investigação, realizando experimentos e questionamentos. Eles aprenderão sobre reações químicas e as aplicações da matéria no campo forense. Utilizamos as mesmas técnicas de investigação do CSI, só que com materiais mais baratos e acessíveis. Os monitores do espaço e um bolsista vão ajudar” (MJ), explica a coordenadora do projeto, Maria José Filgueiras Gomes.

Esses depoimentos - que funcionam como argumentos de autoridade - são comuns em reportagens de divulgação científica.

(b) A indicação de instituições que passam credibilidade, como o próprio Espaço Ciência e a UFRPE:

O que se pode verificar pela entrevista, é que a utilização do Espaço Ciência foi vital no processo de divulgação científica e cultura científica, uma vez que é um dos locais mais apropriados para este tipo de trabalho e a sua consequente divulgação. Tanto presencialmente, pelas visitas realizadas pelos grupos de estudantes, como pelo site do Espaço Ciência, que atinge milhões de usuários de internet. Através deste ponto de partida, também aconteceram outras divulgações através de jornais de grande circulação na Região Metropolitana do Recife - RMR, o que consegue proporcionar um grande aumento no número de pessoas atingidas pela informação.

Segundo a professora, em sua entrevista, os alunos ficam curiosos com a oficina CSI de ciência forense, “porque vão perceber que é mais um campo onde eles podem atuar depois de se formarem” (MJ). E os professores poderão conferir uma maneira mais interessante de trabalhar os conteúdos de sua disciplina: “manter o ensino de química apenas em aulas expositivas é muito arcaico. Quando os professores usam métodos e experimentos práticos, a afinidade do aluno com a disciplina aumenta”. Essa é a opinião de uma das alunas que participaram do experimento, Larissa Santos, 16 anos da escola Eudóxia de Alcântara Ferreira, em Vitória de Santo Antão e segundo ela “se fizessem esses experimentos na minha escola, as aulas seriam muito mais legais”. Na sua escola não existem laboratórios. E ela continua “foi a primeira vez que eu vim aqui,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

gostei muito da parte das misturas de substâncias nos experimentos, pretendo vir mais vezes” (ver anexo 2) garante.

Conclusão

Segundo Epstein (1998) há dois tipos de comunicação científica: a primária e a secundária. Contudo, pudemos constatar essa divisão não seria adequada para dar conta da complexidade envolvida no projeto escolhido para análise porque concebe essa divulgação de modo linear, e não dá conta, por exemplo, de situações em que o cientista ou pesquisador é o mesmo sujeito que faz a divulgação científica. Como foi o caso da professora Maria José.

Assim, diante dos dados coletados e das pesquisas bibliográficas que realizamos, podemos afirmar que o modelo de espiral da cultura científica proposto por Vogt (2003) constitui um modelo mais adequado para dar conta do projeto analisado porque concebe a comunicação como um processo que se movimenta em dois eixos, e não em uma direção linear. O eixo horizontal representa a evolução do conhecimento no tempo e o vertical aponta, numa dimensão espacial, o acúmulo do conhecimento de forma paradigmática. E, o que consideramos importante no caso do projeto analisado: estabelece categorias e contempla os diferentes papéis que um mesmo ator pode desempenhar ao longo dos quatro quadrantes.

Foi possível identificar, a partir da entrevista com a professora Maria José, que a escolha pelo Espaço Ciência para o desenvolvimento do projeto foi a condição fundamental para que houvesse a mobilização dos jovens (e adultos) em torno do tema científico. Então, o terceiro quadrante da Espiral da Cultura Científica proposta por Vogt existe, mas sua existência foi fruto da conjugação de diferentes fatores: a determinação da professora, o fato de ela já ter sido aluna do coordenador do Espaço, e sua condição como professora da UFRPE (de ter acesso ao laboratório de lá e contar com um bolsista); tudo isso foi fundamental para que houvesse essa mobilização descrita no quadrante três da ECC.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A conjugação desses elementos criou condições para a mobilização em torno do tema científico (quadrante 3), bem como alimentou o movimento da divulgação para o quadrante 4 da Espiral da Cultura Científica, o que se refere propriamente dito à divulgação científica, cujo objetivo é informar e formar a sociedade. Nesse caso, as reportagens publicadas sobre o projeto são fundamentais. Divulgam o tema científico com textos que apresentam visibilidade, legibilidade, emocionalidade (CHARAUDEAU, 2008), além da credibilidade quando reproduz a fala de especialistas e envolve o nome de duas instituições idôneas, como o Espaço Ciência e a UFRPE.

Finalmente, podemos afirmar que os quadrantes 3 e 4 da Espiral da Cultura Científica, proposta por Vogt (2003), foram identificados no projeto “CSI: Espaço Ciência - A Química forense como ambiente interativo e de contextualização do ensino de química no ensino médio”. Além disso, todos os obstáculos e movimentos necessários para que o projeto acontecesse constituem um argumento a favor da aplicabilidade da ECC, que considera, segundo Vogt, as diferentes vozes que povoam essa cultura inserida em um processo complexo, particular e não linear.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

EPSTEIN, Issac. Comunicação na Ciência. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 60-68, out./dez. 1998.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2004.

MOIRAND, S. De l'aire de la page à l' hyperstructure et à l' écran: comment lire et analyser la presse quotidienne ordinaire. CAUCE, Revista Internacional de Filologia y Didáctica, n. 29, p. 295-320, 2006.

PONTE, João Pedro. Investigar a nossa própria prática. IN: Grupo de Trabalho de Investigação (Org). Refletir e Investigar sobre a Prática Profissional. Portugal: Associação de Professores de Matemática, 2002, p.5-24.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SOUZA, J. O infográfico e a divulgação científica midiática (DCM): (entre) texto e discurso. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. Folha de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2407200308.htm#_=_>. Acessado em: 10 jun. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Anexos

Anexo 1

EXPERIMENTO

Estudantes são convidados a desvendar crime no Espaço Ciência

Atividade é promovida em parceria com a UFRPE e tem o objetivo de mostrar a aplicação da química forense

Publicado em 03/05/2015, às 09h00



Alunos vão ter que descobrir a verdade por trás da morte de uma mulher

Foto: Espaço Ciência/Divulgação

Estudantes do ensino médio vão se transformar em peritos em cenas de crimes fictícias para aprender sobre química forense. A proposta é da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que montou um laboratório especial no Espaço Ciência, no Complexo de Salgadinho, entre Recife e Olinda, para mostrar aos adolescentes como funciona o trabalho do investigador, misturando diversão e educação.

Inspirado no seriado CSI (Crime Scene Investigation), a atividade faz parte do projeto de extensão da UFRPE “A química forense como ambiente interativo e de contextualização do ensino de química no ensino médio”. Os alunos vão ter que descobrir a verdade por trás da morte de uma mulher (representada por um boneco) no Espaço Ciência, que apresenta marcas de tiros e está segurando uma pistola e drogas.

“Há muita curiosidade sobre esta área, pouco explorada. Agora, os jovens vão poder participar diretamente da investigação, realizando experimentos e questionamentos. Eles aprenderão sobre reações químicas e as aplicações da matéria no campo forense. Utilizamos as mesmas técnicas de investigação

do CSI, só que com materiais mais baratos e acessíveis. Os monitores do espaço e um bolsista vão ajudar”, explica a coordenadora do projeto, Maria José Filgueiras Gomes.

Entre os experimentos realizados, estão a identificação de impressões digitais em cartas de suicídio, teste para identificar se há pólvora nas mãos do boneco e a análise de um fármaco semelhante a cocaína presente no local do crime. A história da morte mudará, mas as suspeitas passam por suicídio, crime passionnal ou envolvimento com tráfico de drogas. Caberá aos estudantes descobrir o que aconteceu.

A atividade dura 40 minutos e acontecerá de segunda a quinta, nos turnos da manhã e da tarde até dezembro, no laboratório de química do Espaço Ciência. Os interessados deverão agendar visita no (81) 3183-5531.

Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/educacao/noticia/2015/05/03/estudantes-sao-convidados-a-desvendar-crime-no-espaco-ciencia-179484.php>. Acessado em: 02 jun. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Anexo 2

4 jornal do comércio
cidades

Recife | 19 de junho de 2015 | sexta-feira

www.jconline.com.br/cidades

são joão

➔ ciência/meio ambiente

Um dia para aprender fazendo experimentos

QUÍMICO Quem perdeu oficinas realizadas no Espaço Ciência ontem ainda tem chance de brincar de investigador e produzir nanopartículas, por exemplo. Só precisa agendar

Brincar de investigador criminal, produzir nanopartículas e acompanhar experimentos de laboratório foram algumas atividades que os visitantes puderam conferir ontem, no Espaço Ciência, entre Olinda e Recife. A programação especial com cinco oficinas foi montada para celebrar o Dia do Químico, comemorado no dia 18 de junho. "Foi nessa data que, em 1956, a profissão de químico foi reconhecida no Brasil e criaram os Conselhos Federal e os Regionais", explica Lindomar Avelino, coordenadora de química do Espaço.

Para se adequar ao público, as atividades foram divididas por níveis. As mais adequadas para o ensino médio abordam as ciências forenses relacionadas à investigação criminal, a nanotecnologia e o sequestro de carbono pelas árvores e oceanos. Já a educação infantil e fundamental vivencia experimentos sobre a condução de energia elétrica pelos alimentos e a produção de biocombustível. "Muitas escolas têm deficiência de laboratórios, por isso aqui nós procuramos deixar os alunos mais próximos da ciência, desmistificando essa aura que existe em torno do assunto", conti-



Fotos: Alexandre Gontim/JC Imagem



MUDANÇA Estudantes descobrem que a química pode ser uma disciplina interessante quando não se limita a aulas expositivas

nua a coordenadora.

O professor Erick Rodrigues, do curso de química da Escola Técnica Estadual Professor Agamenon Magalhães

(Eteepam), na Encruzilhada, levou ao Espaço Ciência 20 alunos para explorar as áreas de energia alternativa e biocombustível. "Mas eles estão mui-

to curiosos com a oficina CSI de ciência forense e acredito que vão gostar, porque vão perceber que é mais um campo onde eles podem atuar depois de se formarem", afirmou. Para Erick Rodrigues, manter o ensino de química só em aulas expositivas é muito arcaico. "Quando os professores usam métodos e experimentos práticos, a afinidade do aluno com a disciplina aumenta", conclui.

"Se fizessem esses experimentos na minha escola, as aulas seriam muito mais legais", ressalta a estudante Larissa Santos, 16 anos. Ela conta que se interessa pela área, mas a Escola Eudóxia de Alcântara Ferreira, em Vitória de Santo Antão (Zona da Mata), onde estuda, não possui laboratórios. "Foi a primeira vez que eu vim aqui, gostei muito da parte das misturas de substâncias nos experimentos. Pretendo vir mais vezes", garante.

Quem perdeu a programação especial para o Dia do Químico pode procurar o Espaço Ciência e marcar uma demonstração. O agendamento gratuito é feito pelo telefone (81) 3183-5531 ou pelo site www.espacociencia.pe.gov.br. Os grupos devem ter, no mínimo, 10 pessoas.

➔ ciência/meio ambiente